



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP).**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR**

INTEGRAÇÃO AGROINDUSTRIAL NA AVICULTURA:
Um estudo de caso no assentamento Vitória no município de Lindoeste-PR.

VIVIANE DE OLIVEIRA

Foz do Iguaçu

2016



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP).**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR**

INTEGRAÇÃO AGROINDUSTRIAL NA AVICULTURA:

Um estudo de caso no assentamento Vitória no município de Lindoeste-PR.

VIVIANE DE OLIVEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política (ILAESP) da Universidade Federal da Integração Latina – Americana, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

ORIENTADORA: Professora Dra. Silvia Lima de Aquino

Foz do Iguaçu- PR

2016

VIVIANE DE OLIVEIRA

INTEGRAÇÃO AGROINDUSTRIAL NA AVICULTURA:

Um estudo de caso no assentamento Vitória no município de Lindoeste – PR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latina. – Americana, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lima de Aquino
UNILA

Prof. Dr. Alex Alexandre Mengel
UFRGS

Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior.
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de Dezembro de 2016.

Dedico este trabalho aos agricultores do Assentamento Vitória, que me inspiram a estudar e buscar formas de viabilidade econômica para os que vivem em áreas de terras íngremes e de difícil acesso. Aos camponeses do mundo que buscam ultrapassar a barreira da pobreza para uma agricultura mais justa e ecológica

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que estiveram ao meu lado neste longo processo de estudos, aprendizados e experiências.

A excelentíssima Professora Dra. Silvia Aquino pela dedicação, compreensão e esforços colocados nesta orientação. Que mesmo não nos conhecendo aceitou orientar-me e ajudar-me num momento de grandes dificuldades, um ser de grande valor e estima.

Aos professores do Curso de Desenvolvimento Rural da Unila, Dirceu Basso, Exovildres Queiros Neto e Regis da Cunha Belém, que enfrentaram os três primeiros anos do curso com pouca estrutura mostrando-se exemplares. Aos estimados professores Antônio de La Peña, Erica Marafon, Ana Alice Eleuterio, Guilherme Javier, Silvia Zimmermann, Valdemar Junior pelo esforço dedicado a nós mesmo em momento de dúvidas e conflitos.

Aos meus familiares, que são meu motivo de inspiração. Sidnei companheiro maravilhoso e compreensivo, Cezar meu filho minha alegria de viver. Aos meus irmãos Eliane, Marcos, Thais e Lara que me dão tanto orgulho e que busco ser exemplo. Aos meus pais Jonas e Cleide sempre tão companheiros e compreensivos, assim como meus sogros Maria de Lurdes e Josemar.

Aos meus colegas de curso, Karoline, Jeverson, Wilian, Jeferson, Karini, Adriana, Leticia, Melrilaine, Rafael, Joarez, Noélia Riquelme, Noelia Martines, Adelio, Samuel Santos, Samuel Siqueira, Dirce, Luciane, Diosnel, Veronica, Tania Luz Mariella pelos momentos compartilhados.

Aos professores Valdemar Wesz Junior e Alex Mengel, por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação do TCC.

Aos agricultores do assentamento Vitória que contribuíram para nosso trabalho de pesquisa.

Ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que ao criar esta Universidade a UNILA, possibilitou que jovens sem possibilidade financeira de estudar, assim como eu, pudessem além de compartilhar aprendizado com outros jovens latino-americanos ainda chegar aonde chegamos, Bacharéis de um curso inovador, Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

OLIVEIRA, Viviane de. **Integração agroindustrial na avicultura:** Um estudo de caso no assentamento Vitória no município de Lindoeste – PR. 2016 Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

RESUMO

A modernização da agricultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento das técnicas de produção possibilitou uma aproximação entre agricultura e indústria e a produção em grande escala. A integração agroindustrial, um sistema que consiste em uma articulação vertical entre empresas agroindustriais e produtores rurais, surge neste contexto. Dentre as atividades desenvolvidas por meio deste sistema no Brasil se encontra a produção de aves, com destaque para a região Oeste do Paraná. Este trabalho tem o objetivo de estudar a aplicação deste sistema no Assentamento Vitória, situado no município de Lindoeste, no Paraná. Com este estudo de caso buscamos conhecer o lado do produtor rural nesta “parceria”, que neste caso consideramos o elo mais fraco das partes. Tendo este objetivo, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistamos agricultores assentados que trabalham e vivem na prática o sistema de integração, para verificar seus pontos de vista a respeito desta modalidade de produção. Os resultados da pesquisa indicam que há uma exigência cada vez maior por parte da empresa em relação aos agricultores integrados no que se refere a investimentos para ampliação ou modificação dos aviários e demais estruturas produtivas. Esta situação gera desistência e exclusão de agricultores que não podem acompanhar a evolução exigida por este segmento. Assentados de reforma agrária enfrentam ainda maiores dificuldades na produção integrada, por disporem de poucas áreas de terra e poucos recursos financeiros para tais investimentos e expansão.

Palavras-chave: Integração produtiva, avicultura, indústria, empresa, agricultores, assentamento.

OLIVEIRA, Viviane de. **Agroindustrial integration in poultry**: A case study in the Vitoria settlement in the municipality of Lindoeste - PR. 2016 Graduation Course on Rural Development and Food Security - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

ABSTRACT

The modernization of agriculture and, consequently, the development of production techniques made it possible to bring together agriculture and industry and large-scale production. Agroindustrial integration, a system that consists of a vertical articulation between Agroindustrial companies and rural producers, arises in this context. Among the activities developed through this system in Brazil is the production of birds, with emphasis on the western region of Paraná. This work has the objective to study the application of this system in the Vitoria Settlement, located in the municipality of Lindoeste, Paraná. With this case study we seek to know the side of the rural producer in this "partnership", which in this case we consider the weakest link of the parties. With this objective, we carried out a literature review on the subject and interviewed settled farmers who work and practice the integration system in order to verify their points of view regarding this modality of production. The results of the research indicate that there is an increasing demand on the part of the company in relation to the integrated farmers with regard to investments to expand or modify the aviaries and other productive structures. This situation leads to the abandonment and exclusion of farmers who cannot keep pace with the evolution demanded by this segment. Agrarian reform settlers face even greater difficulties in integrated production, because they have few land areas and few financial resources for such investments and expansion.¹

Key words: Productive integration, poultry farming, industry, company, farmers, seating.

¹ Tradução livre utilizando o Translate do Google.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Paraná com destaque para o município de Lindoeste.....	22
Figura 2 - Municípios vizinhos de Lindoeste	22
Figura 3 - Portal na entrada da cidade de Lindoeste. Sentido Cascavel ao sudoeste paranaense	23
Figura 4 - População residente, em Lindoeste, por situação do domicílio e sexo – 2010	24
Figura 5 - Foto da área do Assentamento Vitória.....	27
Figura 6 - Foto da área do Assentamento Vitória.....	27
Figura 7 - Aviário no assentamento.....	37
Figura 8 - Aviário do Assentamento	38

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1- MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO INTEGRADA.....	11
1.1. INTEGRAÇÃO PRODUTIVA DA AGRICULTURA: DESTACANDO ALGUNS ELEMENTOS	11
1.2. MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA.....	13
CAPÍTULO 2 - INTEGRAÇÕES NA AVICULTURA.....	17
2.1. DESTACANDO ASPECTOS DA ATIVIDADE AVÍCOLA BRASILEIRA	18
2.2. ALGUNS ASPECTOS DA ATIVIDADE AVÍCOLA PARANAENSE	20
2.3. INTEGRAÇÃO AVÍCOLA E DADOS GERAIS DO MUNICÍPIO DE LINDOESTE, PR.....	21
2.4. BREVE HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO VITÓRIA.....	26
CAPÍTULO 3 - A AVICULTURA INTEGRADA NO ASSENTAMENTO VITÓRIA: O PONTO DE VISTA DOS ASSENTADOS.....	30
3.1. INTEGRAÇÃO DA AVICULTURA NO ASSENTAMENTO: PRIMEIRAS IMPRESSOES DOS AGRICULTORES	32
3.2. OS MOTIVOS QUE LEVARAM OS AGRICULTORES À INTEGRAÇÃO...	34
3.3. EXIGÊNCIAS DA EMPRESA PARA A INTEGRAÇÃO DOS AGRICULTORES	37
3.4. CONDIÇÕES DE TRABALHO E PROBLEMAS ENFRENTADOS NA PRODUÇÃO AVÍCOLA	39
3.5. AVALIAÇÃO DA INTEGRAÇÃO SEGUNDO OS AGRICULTORES	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS:.....	49

INTRODUÇÃO

A integração produtiva, articulação vertical entre empresas agroindustriais e produtores rurais, tem sido uma forma de organização do trabalho entre agricultura e indústria. Muitos segmentos utilizam desta forma de divisão de trabalho, entre eles empresas dos ramos de carne, ovos e tabaco. Neste trabalho trataremos o tema da integração na avicultura, onde produtores rurais e agroindústrias fazem parceria na produção. Os agricultores entram com toda a estrutura do aviário, destinado a criação de aves, equipamentos utilizados durante o crescimento e engorda dos animais e com a força de trabalho para a produção. As empresas integradoras entram com as aves, assistência técnica e transporte.

O objetivo deste trabalho foi buscar, através do estudo de caso, conhecer o lado do produtor rural nesta “parceria”, que neste caso consideramos o mais vulnerável (sensível) das partes. Procuramos observar como os agricultores trabalham e vivem na prática o sistema de integração, seus pontos de vista a respeito da relação com a empresa e sobre o retorno financeiro obtido com a atividade.

A escolha do tema se deu pelo interesse em conhecer como ocorre a integração dos produtores que vivem e trabalham em assentamentos rurais da reforma agrária, visto que a integração com indústrias pode ser uma forma de promoção do desenvolvimento rural, onde agricultores podem através desta, viabilizar-se economicamente.

Para realização deste trabalho, optamos por uma abordagem qualitativa do objeto. Deste modo, a pesquisa foi realizada em duas etapas, ambas com mesma relevância. Primeiro foi feita uma revisão bibliográfica do tema da integração avícola. Nesta etapa buscamos entender a integração do ponto de vista social, como ela tem sido discutida e implantada ao longo do tempo, como parte importante da modernização da agricultura. A segunda etapa foi a elaboração e aplicação das entrevistas em campo. Por isso, selecionamos como local de pesquisa o Assentamento Vitória, localizado no município de Lindoeste, no Oeste Paranaense. O local da pesquisa foi escolhido pela vivência que temos com os agricultores do assentamento e por fazermos parte das famílias que lá foram assentadas.

O trabalho de campo contou com aplicação de entrevistas semiestruturadas a agricultores que vivem e trabalham no assentamento e foi realizado entre os dias 9 e 11 de novembro de 2016. Nas entrevistas foram abordadas questões relacionadas aos motivos da entrada no sistema de integração, visão dos agricultores sobre o sistema, as experiências de trabalho vividas na produção integrada, as exigências da empresa e avaliação do programa.

Assim, foram entrevistados: a) uma liderança do assentamento; b) três agricultores, cujas famílias foram produtoras integradas de aves e que atualmente são ex-integrados; c) um agricultor, cuja família ainda produz aves no sistema de integração. O número de agricultores entrevistados se explica pelo número de agricultores que participou e que ainda participa do sistema de integração e que reside no assentamento, ou seja, atualmente, no assentamento só residem três agricultores e suas famílias, que fizeram parte do sistema e um agricultor que continua como integrado. Cabe ressaltar que além dessas entrevistas que foram realizadas em 2016, aproveitamos os relatos de uma entrevista que realizamos em 2011, sobre a história do Assentamento Vitória, para atividades da graduação, para fundamentar a sessão do TCC sobre o assentamento.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Para manter a privacidade dos entrevistados utilizamos como código de identificação apenas as iniciais do nome, e as respostas foram transcritas de maneira literal. Quanto ao procedimento relativo à análise dos dados, optou-se neste trabalho pela apresentação e análise dos principais temas abordados nas entrevistas. Em seguida, buscamos correlacionar as principais questões levantadas pelos agricultores entrevistados com as discussões trazidas pelos autores estudados no referencial teórico.

Após essa breve apresentação, destacamos que este trabalho de conclusão de curso está dividido em três capítulos, além desta introdução, considerações finais e anexas. No capítulo 1 buscamos trazer alguns elementos sobre o histórico da integração na agricultura e a modernização agrícola, sob o ponto de vista de autores como Belato (1985), Paulilo (1998), Filgueiras (2013), Belusso (2010), Marafon (1998), dentre outros.

No segundo capítulo buscamos trazer alguns elementos caracterizadores da produção integrada avícola. Procuramos abordar como este modelo de produção foi introduzido no Brasil, como se organiza, destacando as principais funções da empresa e

o produtor integrado. Buscou-se também trazer um pequeno resgate da produção avícola, as empresas pioneiras, destacando a região Oeste do estado do Paraná, região onde se localiza a área onde foi realizada nossa pesquisa. Apresentamos também dados do município de Lindoeste e histórico do assentamento.

Por fim, no capítulo 3 são apresentadas as análises da pesquisa de campo e depoimentos dos entrevistados. Neste capítulo buscamos construir uma apresentação por temas de grande relevância em nossa pesquisa, assim como também para os entrevistados, que contam com detalhes suas experiências e opiniões a respeito da integração avícola vividas por eles próprios.

CAPÍTULO 1- MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO INTEGRADA

Neste capítulo buscou-se trazer um breve resgate de alguns dos elementos presentes no histórico da modernização da agricultura, onde destacamos algumas evidências de como este processo influenciou e tem influenciado para a mudança das formas de produção de agricultores e agroindústrias. Também se buscou entender os significados dos termos de maior relevância para nossa pesquisa entre eles: integração, integrado, integradora, complexos agroindustriais e agribusiness.

1.1. INTEGRAÇÃO PRODUTIVA DA AGRICULTURA: DESTACANDO ALGUNS ELEMENTOS

Belato (1985) relata em seu estudo sobre camponeses integrados² como o capital internacional teve papel importante na agricultura, ao introduzir neste seguimento uma grande quantidade de insumos e maquinários. Assim, este processo apresenta a agricultores e empresários uma nova forma de fazer agricultura. Grandes empresas e grupos como Ford, Rockefeller, Heinz, Agnelli e outras, aliados ao Banco Mundial e programas de pesquisas agrícolas, formaram uma aliança de forças financeira, técnica e científica.

Esta aliança provocou uma transformação no setor agropecuário que, dentre vários desdobramentos, influenciou aproximação entre agricultura e indústria e o surgimento de sistemas de integração. A integração surge como forma de organização de trabalho na agricultura, sendo uma parte importante dos complexos agroindustriais (BELATO, 1985).

Existem hoje a nível mundial, vários segmentos que trabalham de forma integrada. Entre estes seguimentos podemos citar a produção de aves, ovos, suínos,

² Neste estudo o autor traz um resgate das transformações sofridas pela agricultura em várias partes do mundo. Para entender melhor ler: BELATO, Dinarte. Camponeses integrados. Campinas SP. 1985.

bovinos e tabaco. De acordo com Paulilo (1988, p. 19). A produção integrada, integração agroindustrial ou integração produtiva pode ser definida tecnicamente como:

Uma forma de articulação vertical entre empresas agroindustriais e pequenos produtores agrícolas, em que o processo de produção é organizado industrialmente, ou o mais próximo possível desse modelo, com aplicação maciça de tecnologia e capital (PAULILO, 1988, P.19).

Para Paulilo (1988 p.19) produtores integrados são “aqueles que, recebendo insumos e orientação técnica de uma empresa agroindustrial, produzem matéria prima exclusivamente para ela”. Para organizar a relação de integração existe uma forma contratual do produtor integrado com a indústria. Nesse contrato, geralmente a indústria tem o papel de fornecer ao agricultor os insumos necessários e só ela pode comprar dele a matéria-prima produzida (PAULILO, 1988).

O agricultor integrado “é submetido à homogeneização das condições técnicas. Pois esta é uma cláusula necessária para se atingir o padrão de racionalidade e o nível de acumulação a que as empresas se propõem”. (PAULILO 1998 P.19). Paulilo ainda ressalva que para autores mais críticos, esses produtores seriam nada mais que assalariados. Reflexão que pode ser complementada pelas considerações de Filgueiras (2013), pois o autor entende que a proposta original da integração é a contratação de pequenos produtores rurais para a realização de etapas do processo produtivo. Neste processo o integrado, ou seja, o produtor firma um contrato de exclusividade no fornecimento da produção.

Como mencionado anteriormente, a partir dos escritos de Paulilo (1988), em geral, a empresa integradora fornece a matéria-prima e determina os padrões técnicos da atividade, cabendo ao integrado cumprir o que foi firmado em contrato. A proposta original da chamada “integração” consiste na contratação, por empresa produtora de determinado bem, de pequenos produtores rurais para a realização de etapa do seu processo produtivo. O “integrado” seria um pequeno proprietário de terra, que faria um contrato de exclusividade para fornecer o bem demandado pela tomadora de serviço (FILGUEIRA 2013, p. 233).

Filgueiras (2013) ressalta ainda que:

Desde o início, (desde a idealização do modelo) fica evidente que o empreendimento no qual se insere a “integração” é o empreendimento da empresa tomadora de serviços, pois, mesmo que a terra seja formalmente propriedade do “integrado”, a demanda e o processo produtivo são do tomador. O “integrado” figura, se muito, como peça da atividade empresarial do tomador de serviço (FILGUEIRA 2013, p.233).

Assim para este autor, ao entrar no sistema de integração, o agricultor passa a ser uma espécie de contratado pela empresa, precisando adaptar-se as exigências da integradora, implantando em sua propriedade as estruturas necessárias para produção e armazenamento da produção, no caso de animais para o crescimento.

Filgueiras (2013) trata a questão da integração como um meio de exploração do trabalhador rural, por parte da empresa, com o fim de diminuir custos de produção e aumentar sua lucratividade, eliminando alguns custos de pessoal. De acordo com este autor:

Esses artifícios são interessantes ao capital por diminuir os custos de contratação e uso da força de trabalho (não há pagamento de férias, décimo terceiro salário, descanso semanal, fundo de garantia, etc.) ao mesmo tempo em que torna mais flexível a relação (a despedida ocorre a qualquer tempo e sem custos). (FILGUEIRAS 2013, p.231).

Ainda para o Filgueiras, neste sistema de integração, além de ter seu direito expropriado, o trabalhador, ainda assume os riscos do negócio. Segundo o autor, ao contratar, as empresas buscam pequenos agricultores, onde que também haja maior submissão por parte destes em relação à empresa contratante (FILGUEIRAS, 2013).

1.2. MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Para Belato (1985) dentro do contexto de modernização da agricultura brasileira, a partir da década de 1960, programas de créditos e de extensão rurais foram planejados para que os agricultores do terceiro mundo³ pudessem transformar suas formas de produção e desempenhar o papel na sociedade de produzir grandes quantidades de alimentos, mesmo com menor volume de terras. Para Belato (1985, p.4) a partir desse período o entendimento era o de que:

O homem que exerce atividade agrícola de maneira idêntica a de seus antepassados não podem produzir muitos alimentos, apesar da riqueza da terra ou da intensidade de seu trabalho. O agricultor que tem acesso ao que a

³ Terceiro Mundo: fazem parte desse grupo os países que possuem economia subdesenvolvida ou em desenvolvimento, geralmente nações localizadas na América Latina, África e Ásia. O criador da expressão foi o economista francês Alfred Sauvy, a mesma foi emitida pela primeira vez no ano de 1952. A expressão foi criada a partir da observação que o economista realizou acerca dos países do mundo, ele constatou que existia uma enorme disparidade política, econômica e social entre as nações, deixando muitas delas marginalizadas no cenário mundial. Fazem parte desse grupo: a maioria dos países latinos, e muitos países da África e Ásia. <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/primeiro-segundo-terceiro-mundo.htm>

ciência conhece sobre solos, plantas, animais e máquinas, e sabe como usar esses conhecimentos pode produzir alimentos em abundância, mesmo que a terra seja pobre (BELATO, 1985 p 4.).

Este período ficou conhecido como modernização da agricultura. De acordo com Matos e Pessoa (2011, p. 2) com base em Graziano da Silva (1996), a modernização da agricultura consiste na transformação na base técnica da produção agropecuária após a II Guerra Mundial, que causou grandes mudanças da produção no campo e nas relações entre capital e trabalho na agropecuária. Ainda de acordo com as autoras:

Esse período é marcado pela dependência do mercado externo dos meios de produção. Assim, a consolidação efetiva da agricultura moderna ocorreu a partir de 1960, com a adoção das inovações tecnológicas no processo produtivo (inovações agronômicas, físico-químicas, biológicas) e com a constituição dos complexos agroindustriais, o que gerou uma nova configuração socioeconômica e espacial para o campo brasileiro (MATOS e PESSOA, 2011, p. 2).

Assim como as autoras acima, Balsan (2006, p. 124) observa que “somente a partir de meados da década de 1960, a agricultura brasileira inicia o processo de modernização, com a chamada Revolução Verde”. De acordo com esta autora “emergem, nessa década (...) novos objetivos e formas de exploração agrícola originando transformações tanto na pecuária, quanto na agricultura” (BALSAN, 2006, p.14).

Para Martine (1991, p. 9), nesse processo “foi alterada a base técnica, desenvolvida a indústria fornecedora de meios de produção para a agricultura e ampliada, em linhas modernas, a indústria processadora de alimentos e matérias-primas”. Também é nesse momento que surgem os complexos agroindustriais. Segundo Marafon (1998, s/p) “o termo Complexo Agroindustrial tem sido utilizado para rotular articulações entre os setores agrícola e industrial que vêm ocorrendo na agricultura brasileira”. Deste modo, pode ser entendido como “o conjunto de processos técnico-econômicos, sociopolíticos, que envolvem a produção agrícola, o beneficiamento e sua transformação, a produção de bens industriais para a agricultura e os serviços financeiros correspondentes” (MULLER, 1982, p. 48 *apud* MARAFON, 1998, s/p) Ainda em relação à definição do que seriam os complexos agroindustriais, Marafon (1998, s/p) explica que:

A premissa inicial é a de que ocorrem relações intersetoriais entre agricultura-indústria. A análise insere as relações agricultura-indústria na perspectiva da absorção de inovações tecnológicas na agricultura e nesse contexto o setor agrícola estaria inserido em complexos industriais balizados em seus dois extremos por setores industriais oligopolizados: a indústria para a agricultura - fornecedora de bens de capital e insumos para a agricultura -

(denominado de setor a montante da agricultura); e a indústria da agricultura - processadora da matéria-prima agrícola - agroindústria - (denominado de setor a jusante da agricultura).

Segundo Santos (2004, p. 9) “A integração é apenas mais uma das características do processo de modernização do campo brasileiro. Para ser moderno era fundamental estar em consonância com o ideal de industrialização do país”. Na visão de Costa (1993) a produção integrada representa uma etapa avançada e aperfeiçoada da atividade agrícola, ou o que chama de “agribusiness”⁴. Segundo Costa (1993), o termo “agribusiness” foi criado para explicar a estreita interdependência e múltiplas relações entre agricultura e seguimentos econômicos, ou seja, desde a distribuição de insumos para a unidade produtiva agrícola, a armazenagem, processamento, distribuição de produtos e subprodutos.

Esta perspectiva concorda com a visão de Marafon (1998) que discute o conceito de complexos agroindustriais. Para este autor “esta definição generalizou a utilização do termo *agribusiness* para explicar a crescente inter-relação setorial entre a agricultura e a indústria. Para estes autores, o termo *agribusiness* contemplaria as funções que eram dadas agricultura há 150 anos”.

Portanto, a agricultura passa a ter um novo sentido, passando a fazer parte de um grande esquema financeiro ao mesmo tempo em que perde sua autonomia. De acordo com Marafon (1998, p. 2) “nesse processo considera-se que a agricultura teria perdido o seu antigo caráter autônomo e também a capacidade de decisão dos grupos sociais rurais envolvidos nesse processo”.

“Assim a agricultura, com o avanço tecnológico e a formação cada vez mais definitiva dos complexos agroindustriais, se reduz a mera produtora de matérias-primas, subordinando-se aos segmentos agroindustriais a montante e a jusante, (*ou seja, montante empresas produtores de insumos e máquinas e a jusante as empresas que compram a produção, a matéria prima produzida, comercialização*)⁵, cada vez mais oligopolizados” (COSTA, 1993, p. 12).

⁴ **Agrobusiness** - A teoria do Agribusiness nasceu, no início da década de 1950, na Universidade de Harvard, no Agriculture and Business Program at the Harvard Business School e recebeu sua primeira formulação no famoso *ft Concept of Agri business*. O termo agribusiness foi cunhado numa conferência em Boston (EUA), em 1955, por J.H.Davis e apareceu pela primeira vez publicada na literatura internacional já no início do ano seguinte (COSTA, 1993, p.9).

⁵ Grifo nosso.

Para Belato (1985) a agricultura praticada por intermédio dos sistemas de integração é fruto do conceito de *Agribusiness* estudado e implantado ao longo dos anos, através de fortes mudanças sociais no campo, financiadas por interesses das grandes empresas multinacionais. Complementa Belusso (2010), ao afirmar que a agricultura se tornou dependente de subsídios financeiros. O valor da produção agrícola passou a seguir interesses do mercado.

CAPÍTULO 2 - INTEGRAÇÕES NA AVICULTURA

Neste capítulo buscou-se destacar alguns dos elementos presentes na produção integrada na avicultura, onde destacamos algumas evidências de como este processo influenciou e tem influenciado para a mudança das formas de produção de agricultores e agroindústrias.

A integração da avicultura surge como forma de organização de trabalho no campo e faz parte de estratégias dos complexos agroindustriais já mencionados no primeiro capítulo. Na avicultura brasileira caracteriza-se a integração como um acordo que estabelece um sistema de parceria entre produtores integrados (os “avicultores”) e empresas avícolas (abatedouros). É comum a maioria das empresas do setor de carnes adotarem este sistema.

Assim neste sistema, em geral, é a empresa que fornece as matrizes, realiza transporte das aves, fornece a ração, o medicamento, à assistência técnica e se responsabiliza pelo abate, processamento e pela comercialização do produto. O produtor conhecido como integrado fica responsável em providenciar as instalações, a mão de obra, o controle ambiental de aquecimento ou resfriamento do local dessas aves, a energia elétrica, a cama para o aviário e as condições de acesso ao aviário.

Ao final da criação o avicultor integrado deve devolver a integradora os resultados desse trabalho, ou seja, “quilos de frango para abate”, “A partir daí é calculada a participação do integrado em kg do lote entregue, e a empresa compra a parte cabível ao integrado, pagando em função do mercado”.

No capítulo 1 definimos em que consiste o sistema de integração e apresentamos, brevemente, elementos que marcam o contexto de surgimento deste sistema na agricultura. Neste capítulo, nosso objetivo é o de discorrer sobre como o sistema de produção integrada se dá na avicultura, como essa forma de produção de aves foi introduzida e funciona no Brasil e como ela se manifesta em especial, principalmente no estado do Paraná.

2.1. DESTACANDO ASPECTOS DA ATIVIDADE AVÍCOLA BRASILEIRA

A produção integrada na avicultura teve início no Brasil no estado de São Paulo, na década de 1950, com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses, expandindo posteriormente para os estados do Sul, onde teve grande expansão (BELUSSO, 2010). De acordo com Belusso (2010), em definição muito próxima a apresentada na introdução deste capítulo, pode-se denominar produção integrada na avicultura, o envolvimento entre os agricultores/proprietários de aviários, responsáveis pela engorda dos frangos e as empresas integradoras que coordenam os contratos e industrializam a produção.

A integração avícola pode ser entendida, neste caso, como o fornecimento de matrizes das aves, rações, assistência técnica e garantia de compra dos frangos pela empresa, onde, em contrapartida, o produtor deve cumprir as orientações técnicas, receber os insumos da empresa integradora e, deste modo, produzir e fornecer a quantidade de aves acordadas com a empresa via contrato (BELUSSO 2010).

Segundo Belato (1985), a típica unidade de produção de frangos de corte no sistema de integração produtiva, é formada por um incubatório, fábrica de rações, abatedouro, serviço de assistência técnica ao produtor, um ‘staff’ administrativo e uns 150 a 300 criadores que produzem.

A integração na avicultura pode ocorrer das seguintes formas: integração horizontal e integração vertical. A integração horizontal ocorre quando uma mesma empresa atua em mais de um estágio do processo produtivo, ou seja, produz os insumos, grãos, as aves e industrialização da carne. Já a integração vertical é quando mais que uma empresa atua no processo produtivo. (ZIEBERT e SHIKIDA p.1, s/a).

Existem hoje no Brasil várias empresas que trabalham de forma integrada a produção de aves dentre as quais podemos citar a, Sadia, Frimesa, Seara, Copacol, Lar e outras. Segundo Rocha *et al.* (2015 p.1) “a avicultura é uma atividade econômica de grande destaque nacional e internacional e tem se solidificado em varias regiões do Brasil”.

Segundo Lazia (2015) no Brasil, o sistema de integração na avicultura acontece do seguinte modo: a empresa de maior porte (integradora) fornece as condições de produção acompanhamento e comercialização da produção ao criador (integrado). O agricultor entra no negócio com as instalações, os equipamentos, o aquecimento, a água,

a cama e a mão de obra. Ao entrar nesse sistema o agricultor espera lucrar financeiramente, já que terá que abrir mão de outras culturas e formas de produção da propriedade para se dedicar a essa atividade. Ainda ao explicar como se organiza o sistema de integração na avicultura, Lázia (2015) afirma que:

De acordo com o professor Tadeu Cotta (...) a avicultura de corte no Brasil adota três sistemas de produção, cada um com seu modo de criação. Tais sistemas são: sistema de integração, sistema cooperativo e sistema independente. (LÁZIA, 2015 s/p)

De acordo com a autora mencionada acima, com a integração na avicultura a criação de frangos de corte tomou impulso no Brasil, no final da década de 1960. A partir daí a avicultura se consolidou graças a fatores como o clima favorável à criação, a expansão da cultura da soja e do milho e a boa receptividade do consumidor ao produto. Outro fator que possibilitou a referida consolidação foram às exportações de carne, que fortaleceram o desempenho da avicultura de corte.

Para Fernandes Filho e Queiroz (s/a),⁶ empresas como a Ceval e a Sadia foram às pioneiras na produção integrada de aves. Já Ziebert e Shikida (2004) afirmam que a Sadia Concórdia S/A foi à empresa pioneira na implantação do sistema de integração na avicultura o Brasil, servindo de referência para outras empresas na atividade, tendo se expandido para outras cidades, como “Toledo e Dois Vizinhos no estado do Paraná e também para o Estado de São Paulo” (ZIEBERT e SHIKIDA, 2004, p. 4). Mais tarde, ainda conforme estes autores, o sistema de integração utilizado, foram copiados por várias empresas brasileiras, como a Perdigão S/A, que hoje representa grande parte da produção, comercialização e exportação do produto.

Outras empresas, que têm grande participação nos quadros constitutivos da avicultura industrial brasileira, são: a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (gaúcha fundada em 1952 e em 1974 iniciou o abate de frangos); a Seara Avícola S/A (catarinense, iniciou em 1958 com a suinocultura e em 1973 com a avicultura); a Avipal (gaúcha fundada em 1960); a Frangosul S/A (gaúcha fundada em 1970); e a Ceval (catarinense fundada em 1972). (ZIEBERT, SHIKIDA 2004, p. 4).

A disseminação do método de produção integrada à abertura dos mercados produtores e consumidores contribuiu amplamente para o avanço da atividade gerando um aquecimento da economia e abrindo passagem para outras empresas e formas de produção integradas.

⁶ As citações destes autores foi encontrada nesta pagina, não constando o ano de publicação. <http://www.imb.go.gov.br/pub/conj/conj4/08.htm>

2.2. ALGUNS ASPECTOS DA ATIVIDADE AVÍCOLA PARANAENSE

No Paraná a produção integrada ganhou força, espaço e experiência, expandindo-se em números de propriedades e adequando-se a realidade agrícola do estado, que possibilitou grandes produções direcionadas ao mercado externo. Assim, este estado pode ser visto como um dos pioneiros na produção avícola integrada e serviu de modelo e pesquisa para a implantação em outras localidades, estados e países.

Segundo Belusso (2010 p.16):

Cinco grandes cooperativas, fundadas nos anos 1960 e 1970, com sede em municípios localizadas na mesorregião oeste paranaense, implantaram varias integrações agroindústrias, inclusive abatedouros de frango, são elas: C.Vale Cooperativa Agroindustrial, de Palotina; Copacol – Cooperativa Agrícola Consolata, de Cafelândia; Copagril Cooperativa Agroindustrial, de Marechal Cândido Rondon; Coopavel Cooperativa Agroindustrial, de Cascavel; e Cooperativa Agroindustrial Lar, com sede em Medianeira. A Copacol atua no segmento avícola desde 1982 e a exemplo dela outras cooperativas investiram no setor. O empreendimento mais recente é o da Copagril, inaugurado no ano de 2005. A Coopavel iniciou com a avicultura em 1994, a C.Vale em 1997 e a Lar 1999.

A atividade de integração avícola no Paraná é representativa, especialmente nos municípios do oeste paranaense. Segundo informações do Censo Agropecuário de 2006, realizado pelo IBGE⁷ o total de estabelecimentos que trabalham com avicultura integrada no estado são de 41.458 estabelecimentos. Nesta região predominam propriedades de até 50 hectares (BELUSSO 2010). Entre os municípios pertencentes ao Oeste paranaense que se destacam nesse seguimento, encontram-se Palotina, Cascavel, Medianeira, Matelândia, Missal e Santa Helena, onde há a formação de complexos agroindustriais. Alguns destes complexos são formados por cooperativas. Um exemplo é a Cooperativa Agroindustrial Lar, localizada em Matelândia e que abrange a produção dos municípios vizinhos. Em Cascavel, região em que abrange a área de nossa pesquisa, duas importantes integradoras são cooperativas, a Copacol e Coopavel. (BELUSSO, 2010). Neste sentido, Belusso (2010) explica que:

Ao final da primeira década do século XXI, na Mesorregião Oeste Paranaense, estão instaladas oito empresas abatedoras de frangos, dentre as quais cinco são cooperativas: C.Vale Cooperativa Agroindustrial (Palotina); Copacol Cooperativa Agroindustrial Consolata (Cafelândia); Copagril – Cooperativa Agrícola Mista Rondon (Marechal Cândido Rondon);

⁷ Instituto Brasileiro de Geografias e Estatísticas (IBGE), 2015.

Cooperativa Agroindustrial Lar (Medianeira); Coopavel Cooperativa Agroindustrial (Cascavel) e três empresas não cooperativas: Diplomata Industrial e Comercial (Cascavel); Kaefer Agroindustrial (Cascavel) e Sadia, atual Brasil Foods (BRF) (Toledo). (BELUSSO, 2010 p.79)

Esta autora destaca a atividade de abate de frango nesta região que segundo ela tem característica de um *cluster*⁸ “pois há nesta atividade um perfil industrial de grande porte com a presença da Sadia que desempenha o papel de empresa âncora”. Tendo também as empresas que trabalham de forma cooperativa que se diferem pela inovação na forma de organizar os produtores. (BELUSSO, 2010 p.79)

Para Belusso (2010) a expansão da avicultura de corte se deu nesta região principalmente pela disponibilidade de matéria-prima para a produção de ração, especialmente, de soja e milho e pela presença de cooperativas fortes e consolidadas. Outro fator é a busca por novas formas de diversificação da produção por parte dos agricultores para complemento da renda.

2.3. INTEGRAÇÃO AVÍCOLA E DADOS GERAIS DO MUNICÍPIO DE LINDOESTE, PR.

Contextualização do Município de Lindoeste, PR

O município de Lindoeste está localizado na região oeste do estado do Paraná (Figura 1). Faz parte da macrorregião geográfica Oeste Paranaense e da microrregião de Cascavel (Figura 2). Sua posição geográfica é de 585 metros de altitude, latitude de 25 ° 15 ' 36 " S, longitude 53 ° 34 ' 34 " W. A microrregião é um dos maiores centros econômicos do Paraná. Tem como principais produtos cultivados soja, trigo, milho, arroz, com utilização intensiva de fertilizantes agrotóxicos e altamente mecanizados, além da produção de algodão e feijão. A região também se destaca na avicultura, bovinocultura, como também suinocultura. (ALMEIDA p.26 s/a).

⁸ Cluster são empresas que trabalham no mesmo ramo de atividade e que se encontram numa mesma área geográfica. Este conceito pode ser aplicado para explicar o tipo de relacionamento das atividades econômicas nos territórios. (MIOR, 2005, *apud* BELUSSO, 2010 p.79)

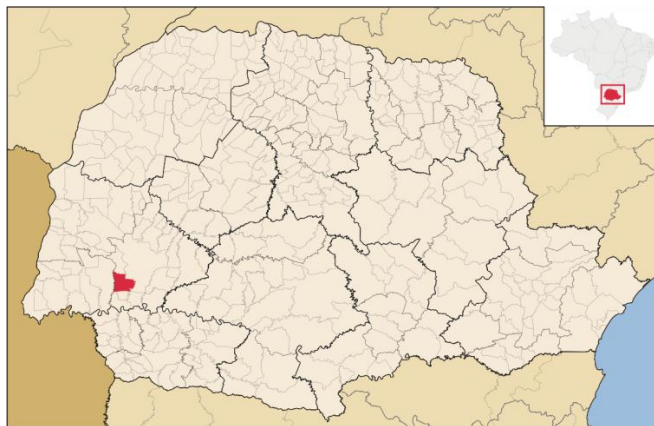


Figura 1 - Mapa do Paraná com destaque para o município de Lindoeste

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lindoeste#/medi a/File:Parana_Municip_Lindoeste.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lindoeste#/media/File:Parana_Municip_Lindoeste.svg)

O município tem como vizinhos os municípios de Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Capitão Leônidas Marques (Figura 2).



FONTE: IPARDES

NOTA: Base Cartográfica ITCG (2010).

Figura 2 - Municípios vizinhos de Lindoeste

Lindoeste se originou do desmembramento do município de Cascavel, ocorrido em 1 de janeiro de 1990. Sua área territorial é de 360,991 km². Está a uma distância de 535,85 km da capital Curitiba (Figura 3).

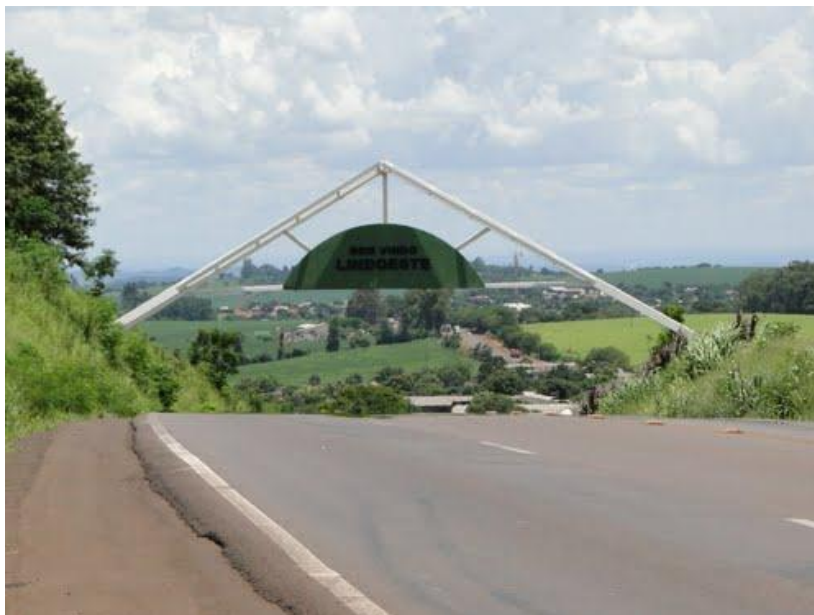


Figura 3 - Portal na entrada da cidade de Lindoeste. Sentido Cascavel ao sudoeste paranaense
 Fonte: Cidades do Brasil. Disponível em: <http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-lindoeste.html>

Lindoeste teve seus primeiros movimentos de urbanização na década de 1960 quando começou a exploração madeireira na região.

O município foi colonizado em função da exploração de madeira existente na região. Em 1964 estabeleceu-se uma vila na Colônia São Francisco e que se denominou Alvorada do Oeste, além do povoado de Cielito Lindo. Tinha por objetivo assentar os trabalhadores dessas madeireiras que eram originários do Norte do Paraná e do Rio Grande do Sul. Em 1983 foi criado o Distrito Administrativo, e em 1988 o Distrito Judiciário, em território do município de Cascavel. Pela Lei Estadual nº 9006, de 12 de junho de 1989, foi criado o município de Lindoeste, com território desmembrado de Cascavel, cuja instalação oficial ocorreu no dia 01 de janeiro de 1990 (IBGE Cidades@, 2015)⁹.

Lindoeste foi desmembrado de Cascavel em 1º de janeiro de 1990, unificando dois distritos de Cascavel: o Cielito Lindo e a Alvorada do Oeste. Surgindo assim o município de Lindoeste. O município possui hoje uma extensão territorial de 360.991 Km² e possui uma população de 5.361 habitantes, onde 57,88% estão em situação de pobreza. O Município se encontra com um grau de urbanização de 44,47%, onde apenas 1.621 consumidores de energia elétrica e 937 residências possuem serviços de água tratada, sem possuir rede de esgoto. Em 2010 o município possuía uma receita de

⁹IBGE. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=411345&search=parana|lindoeste|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>

R\$10.228 Milhões (IPARDES, 2010) ¹⁰. Conforme dados os IBGE Cidades, a maioria dos habitantes do município vive na zona rural (Figura 4).

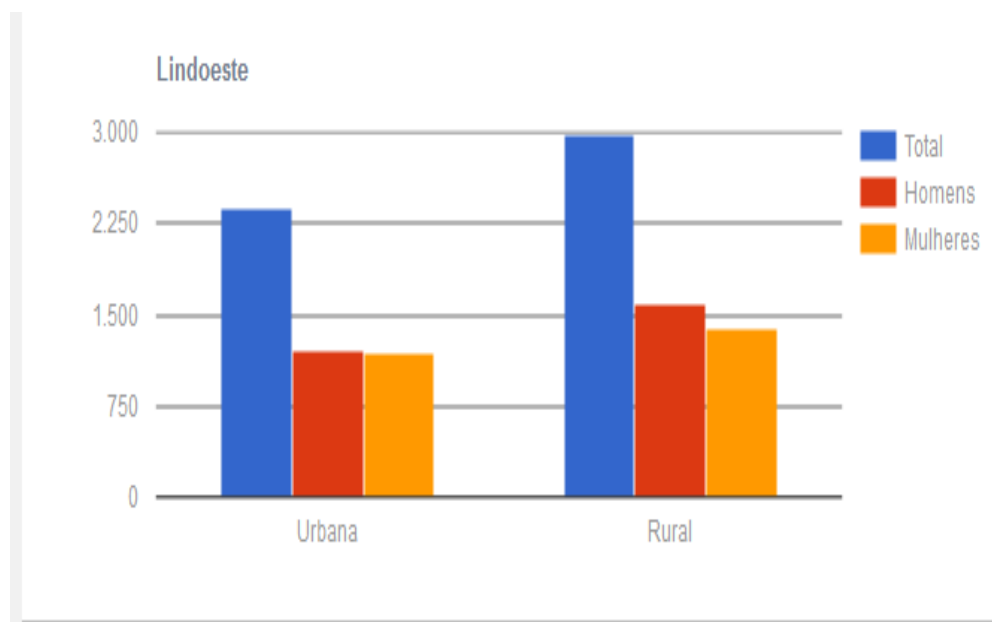


Figura 4 - População residente, em Lindoeste, por situação do domicílio e sexo – 2010
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010¹¹

O gráfico acima representa a população urbana e rural do município, contribuindo para compreensão da realidade, que tem como base produtiva a agricultura possuindo a maioria dos habitantes vínculo direto com a produção agrícola e rural.

Lindoeste também faz parte dos municípios lindeiros ao Parque Nacional do Iguaçu, tendo seu lado oeste todo encostado no Parque (FERREIRA, 1999). Devido ao Parque não ser cortado por rodovias ou estradas, a movimentação de caminhões, ônibus e outras formas de transporte rodoviário, que saem da região Oeste com destino ao Sudoeste Paranaense, Santa Catarina e Rio Grande do Sul é grande na BR 163 que passa por Lindoeste. Isso contribuiu para o desenvolvimento do município e dos municípios vizinhos que seguem, uma vez que a localização da BR acaba por movimentar, de certo modo, o comércio local, assim em razão da importância da rodovia, a região recebe investimentos do governo federal e estadual.

Lindoeste, diferentemente de outros municípios do Oeste do Paraná, tem suas terras mais íngremes. Limitando algumas formas de produção, no entanto o município

¹⁰ http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=166&btOk=ok.

¹¹ IBGE, Censo Demográfico 2010 disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=411345&search=parana|lindoeste|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>

vive majoritariamente, de atividades ligadas à agricultura e a pecuária. Suas principais atividades econômicas são Pecuária, Indústria e comércio, e administração pública. Fazem parte da atividade pública os serviços de saúde e educação, e outros.

Tabela 1: Produto interno bruto do município de Lindoeste: Demonstrativo dos números do PIB, com destaque para a pecuária.

Produto Interno Bruto (Valor Adicionado)			
Variável	Lindoeste	Paraná	Brasil
Agropecuária	55.538	9.371.924	105.163.000
Indústria	8.627	33.429.611	539.315.998
Serviços	42.311	68.022.406	1.197.774.001

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010¹²

Pela grande dependência da agricultura, já destacado acima, houve no município nos últimos anos vários investimentos em maquinários agrícolas por meio de emendas parlamentares. Deste modo, Lindoeste recebeu desde 2010, cinco tratores que beneficiaram principalmente os assentamentos de reforma agrária¹³.

Para os agricultores que não conseguem se inserir neste mercado agrícola mais competitivo do agronegócio, através da produção de produtos como soja, milho, trigo, por possuírem, pequenas extensões de terra, resta à procura de estratégias alternativas para a geração de renda. Uma das alternativas que tem possibilitado a melhora das condições de vida dos agricultores de Lindoeste é a produção de leite, que mesmo possuindo uma geografia acidentada, em grande parte de seu território, é forte. Outra produção de destaque na região é avicultura. De acordo com Ferreira (1990):

Em termos de produção pecuária e devido à fragmentação fundiária na região, predomina a avicultura de corte, a qual é explorada de forma integrada com os frigoríficos que fornecem os insumos, infraestrutura de apoio e assistência técnica, além de manter o produtor atrelado à comercialização. (FERREIRA p.5,1999).

Os assentamentos de reforma agrária no município correspondem a 2.248 há, e

¹² IBGE 2010. Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=411345&search=parana|lindoeste|infogr%E1ficos:-despesas-e-receitas-or%E7ament%E1rias-e-pib>

¹³ Conhecimento nosso.

embora representem uma pequena porcentagem da área do município, conforme Schreiner (2002), juntamente com outros quatro assentamentos, correspondem a 50 % da produção de grãos do município de Lindoeste. Portanto, são importantes espaços de geração de renda local. Na década de 1990, além da criação do Assentamento Colônia Vitória, mais três assentamentos se instalaram no município, reforçando assim essa estrutura fundiária municipal, são eles: Assentamentos Verdum, Assentamento Capão Verde e o Assentamento Santa Isabel. Estes assentamentos, além do estabelecimento de muitas famílias, trouxe vários para a região, destinados ao incentivo e viabilização da produção.

2.4. BREVE HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO VITÓRIA

Conforme Schreiner (1999) antes de se tornar município, Lindoeste teve uma grande movimentação de pessoas com a ocupação da fazenda Vitória em 1984, uma das primeiras áreas ocupadas pelo Movimento dos Trabalhadores sem Terra - MST, em Cascavel. Neste sentido, o Assentamento Vitória se originou pelo resultado da luta dos camponeses no Oeste do Paraná, dentro de um contexto de mobilizações e ocupações nacionais, com a ocupação da Fazenda Vitória, antes mesmo de Lindoeste se tornar município.

Segundo o IPARDES¹⁴, (1992, p.127): “A área pertencia à senhora Adla Ibrahim Abujamra, que a incorporou ao patrimônio da empresa Cielito S.A. Administradora de bens e Empreendimentos, em 1973” . A Fazenda Vitória com área de 2.248 hectares foi indicada ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, em março de 1985, devido a um laudo feito pelo Instituto de Terras e Cartografia - ITCF, apontando-a como improdutiva (Figuras 5 e 6).

¹⁴ IPARDES Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Consultado na internet. http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85826&btOk=ok acessado dia 15 de agosto de 2011 as 14.30 horas.



Figura 5 - Foto da área do Assentamento Vitória
Foto da autora (nov. 2016).



Figura 6 - Foto da área do Assentamento Vitória
Foto da autora (nov. 2016).

A Fazenda Vitória foi desapropriada pelo Decreto Federal nº 92.256 de 30 de Dezembro de 1985. Entre ocupações, despejos, reintegração de posse e desapropriação, em abril de 1987 efetivou-se, definitivamente, o Assentamento Vitória, que foi dividido em 147 propriedades e às famílias couberam lotes entre 8 hectares a 18 hectares (TOLOMEOTTI, s/p 2011).

E relação a história da criação do assentamento, o assentado J.O¹⁵ que participou da ocupação da área em agosto de 1986, relata que o Assentamento foi efetivado com

¹⁵ J.O. Entrevista cedida e gravada dia onze de agosto de 2011. Assentado e Presidente da Associação dos Agricultores Familiares (ASAF), Assentamento Vitória.

152 famílias provenientes de seis acampamentos, distintos, dois apenas do município de Marmeleiro, outro de Quedas do Iguaçu, outros dois do Município de Catanduvas, o último, proveniente do Município de Cascavel. O assentado explica que quando chegaram à área, a maior parte era coberta de capoeira, por isso o precisaram de muito trabalho para preparar a terra, já que possuíam poucas ferramentas, como enxadas, foices e facões, sendo que apenas alguns dos acampados possuíam má quina de plantar manual (matraca). Lembra ainda o assentado que “havia bastante generosidade e companheirismo entre os acampados, porque aqueles que tinham ferramentas como as matracas [plantadeira manual] ou alguma variedade de semente, os outros emprestavam” (J.O, entrevista 2011).

De acordo com assentado, o solo era fértil, sem necessitar de adubo químico. O que mais se cultivava na época na área era feijão arroz, mandioca, batata, milho e com o tempo, começaram a criar animais para carne e para leite e produzir milho para a venda. Conforme o entrevistado:

Ocupamos a área em de agosto de 1986. Logo que chegamos começamos a cultivar feijão, arroz, milho, etc. O fazendeiro manteve os jagunços ali, na esperança de ganhar a causa na justiça. Mas, o gado estava destruindo as lavouras quando resolvemos expulsar os “jagunços” e ocupar o pavilhão e as casa da sede. Depois de um ano de luta e conflitos, no dia 1º de agosto de 1987 fomos assentados em lotes (...) definidos por sorteio, obedecendo a um acordo feito um ano antes, de respeitar os parentescos, deixando as famílias mais perto umas das outras. (J.O entrevista, 2011);

O assentado relata ainda algumas das dificuldades para se conquistar o lote do assentamento: “teve dias de nós [família com três pessoas] não termos nada para por na panela, não tinha serviço por perto e quando tinha um servicinho, dava para poucos dias, porque tinha bastante gente para trabalhar, passamos muita necessidade, minha filha foi a primeira criança que nasceu no acampamento.” Quando perguntado sobre como se sente após 25 anos de Assentamento, o senhor J. O exibe com orgulhos as suas conquistas.

Hoje tenho uma casa boa, um carro que comprei há quase dez anos [Fusca ano 86], umas 40 cabeças de criação [gado leiteiro]. De manhã tiramos [leite de] 16 vacas, com ordenhadeira mecânica, tem um chiqueiro que não é muito grande, mas os porcos ficam soltos na encerra [mangueira] e deve ter uns 35 entre os grandes e os pequenos, [...] tens uns 15 ou 16 cabritos, quero aumentar ainda mais, eles tem a casinha deles para dormir a noite, têm um cavalo para quando precisar, tem umas 150 a 200 cabeças de galinha, bom, o que mais, [...] tem um motor forrageiro para fazer silagem que uso para picar cana para tratar as vacas no cocho, um triturador de milho, tem horta, tem pomar, tem açude de peixe, tá precisando limpar [...] tem oito caixas de

abelhas, [...] também sou presidente de uma associação de agricultores com uns 80 sócios, temos um trator com equipamentos que veio do Rosinha [Deputado Federal, através de ementa] que saiu ano de 2010, no valor de 120 mil. (J.O. 2011)

Comenta ainda que o Assentamento foi efetivado com 152 famílias provenientes de seis acampamentos, distintos, dois apenas do município de Marmeleiro, outro de Quedas do Iguaçu, outros dois do Município de Catanduvas, o último, proveniente do Município de Cascavel.

CAPÍTULO 3 - A AVICULTURA INTEGRADA NO ASSENTAMENTO VITÓRIA: O PONTO DE VISTA DOS ASSENTADOS

O Assentamento Vitória, por estar situado próximo a região de Cascavel que conta com indústrias processadoras de carnes, dentre elas de frango, como vimos no capítulo anterior, recebeu também propostas de introdução da produção integrada de frango deste segmento, a partir do período 1996. Com isso, alguns assentados, passaram a fazer parte deste sistema, estabelecendo contrato com indústrias processadoras de aves. Neste capítulo buscamos apresentar de forma breve uma análise das informações recolhidas nas entrevistas realizadas entre os dias 09 e 11 de novembro de 2016 com os agricultores que vivem e trabalham no Assentamento Vitória, a respeito da produção integrada de aves introduzida no local.

Para a realização da análise presente neste capítulo entrevistamos cinco agricultores assentados, assim divididos: um agricultor que é uma liderança do Assentamento; três agricultores ex-integrados na produção avícola e um agricultor integrado. Abaixo caracterizamos os entrevistados:

- O agricultor e liderança do assentamento Sr. N. R. O é ex-presidente da Cooperativa dos Agricultores da Reforma Agrária (COARA) que correspondia aos assentamentos da região oeste do Paraná no período de 1996.¹⁶, É ex-integrado na produção de suínos e ex-integrado na produção de tabaco. Residente no assentamento há trinta anos desde 1986.
- Agricultor O.B, produtor de leite atualmente, mora no assentamento há trinta anos, ou seja, desde 1986, é ex-integrado na produção de aves, tendo produzido para empresa Frigorífico Chapecó no período de 1996 a 1998 e para a empresa Diplomata Industrial, no período de 2000 á 2003.
- Agricultor J.D, produtor de leite atualmente, reside no assentamento há trinta anos, também desde 1986, é ex-integrado nas empresas Frigorífico

¹⁶ Esta cooperativa foi destituída por motivos não informados.

Chapecó no período de 1996 á 1998, e da empresa Diplomata no período de 2000 a 2002.

- Agricultora H.S é produtora de leite e grãos atualmente, reside no assentamento há trinta anos, ex-integrado de frango das empresas Frigorífico Chapecó no período de 1996 a 1998, e da empresa Diplomata no período de 2000 a 2003.
- O Agricultor P.S., integrado a empresa Dip Frango desde 2006 até o momento. Também produtor de gado de corte. Reside no assentamento há dezesseis anos, desde o ano 2000.

Os agricultores integrados e ex-integrados que entrevistamos haviam estabelecido contrato com a empresa Frigorífico Chapecó¹⁷, que manteve o sistema no assentamento entre 1996 a 1998, ano que veio a falência. E com a empresa Diplomata Agroindustrial e Comercial¹⁸, nos anos de 2000 a 2003. O agricultor O.B (nov. 2016) entrevistado para nossa pesquisa explica que após a referida falência, os assentados que eram integrados ficaram sem estabelecer contrato de integração entre os anos de 1998 a 2000, uma vez que segundo ele, quem dominava este tipo de produção na região em que se localiza o assentamento era a empresa Diplomata. Com a falência da empresa Chapecó que era parceira da Diplomata e como já haviam feito os investimentos necessários para participar do sistema de integração, O.B (nov., 2016) relata que os agricultores assentados que eram integrados procuraram as empresas Sadia¹⁹ e Globoaves²⁰ para fazerem novos contratos, mas estas empresas se recusaram a integrá-

¹⁷ O **Frigorífico Chapecó** foi uma empresa alimentícia brasileira que teve sua falência decretada em 2005. A empresa atuava em todo o mercado brasileiro e foi uma forte exportadora para mais de 50 países. A rede possuía oito unidades industriais, 5 mil empregados e 3 mil produtores integrados. Mais informações sobre a história do frigorífico Chapeco podem ser encontradas neste endereço: https://pt.wikipedia.org/wiki/Frigor%C3%ADfico_Chapec%C3%B3

¹⁸ A **Empresa Diplomata** hoje leva o nome de Dip Frango após a empresa ter falido e estar sendo administrada judicialmente. Mais informações sobre o caso da empresa Diplomata podem ser encontradas no endereço eletrônico: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2015/04/grupo-diplomata-tera-bens-leiloados-partir-de-maio-dizem-administradores.html> e <http://cgon.uol.com.br/noticia/189185/diplomata-falidos-pedem-destituicao-de-administradores-e-gestores>

¹⁹ **Sadia S. A.** é o nome de uma empresa de produção de alimentos frigoríficos do Brasil, fundada em 1944. A Sadia S.A. juntou as ações com a Perdigão S.A. e desde 19 de maio de 2009 faz parte do grupo Brasil Foods. Mais informações sobre esta empresa no site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sadia_S._A.

²⁰ Globoaves, empresa avícola cascavelense com unidades em varias regiões do Brasil. Mais informações no site: http://www.gazetatoledo.com.br/NOTICIA/26641/AVICULTORES_LOCAIS_TEMEM_PREJUIZO_COM_PEDIDO_DE_RECUPERACAO_JUDICIAL#.WD4ystxhIU

los por entender que município de Lindoeste e Capitão Leônidas Marques era área de domínio da empresa Diplomata. (O.B nov.2016).

O número de entrevistas que realizamos para este trabalho se explica pelo total de agricultores assentados que se integraram e que ainda vivem no assentamento, sendo que atualmente, apenas um ainda se mantém na atividade. Como explicamos na introdução deste trabalho, as entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador. Em seguida foram transcritas, sendo que para a discussão que apresentaremos abaixo, dividimos os relatos por temas. Quando transcrevemos as entrevistas procuramos manter as palavras originais dos assentados.

Nas entrevistas os agricultores usam termos próprios da produção, como por exemplo, aviário, alojar; lote, por isso, explicamos os principais:

- *Aviário* é o barracão com toda a estrutura para a produção.
- *Alojar* é o tempo em que as aves ficam no aviário do produtor. Esse tempo varia, dependendo do peso, mas a média é 45 dias.
- Outro termo bastante usado nas falas é *lote*, lote é a quantidade de aves alojadas de uma vez, ou seja, durante o tempo necessário de crescimento. Um lote varia dependendo do clima, da genética das aves e do tamanho do aviário. Isso por que no verão põem-se menos aves em um lote por causa do calor. Sobre a genética, algumas variedades de aves são maiores por isso o lote tem numero menor. Segundo o entrevistado P.S em seu aviário de 100x12m já chegou a alojar um lote de 13 mil aves no inverno.

3.1. INTEGRAÇÃO DA AVICULTURA NO ASSENTAMENTO: PRIMEIRAS IMPRESSOES DOS AGRICULTORES

A introdução da avicultura no Assentamento Vitória se deu a partir do ano de 1996, quando os primeiros agricultores começaram a integrar-se. Segundo a liderança do assentamento entrevistada, para introduzir o sistema as empresas foram ao assentamento através de um representante, que foi conversar direto com os agricultores, apresentando como funciona o sistema de integração e perguntando de casa em casa se

os agricultores desejavam se integrara. Com este primeiro contato, outros agricultores assentados procuraram a empresa por meio de contato telefônico buscando informações de como se integrar. Conforme o agricultor O.B, a partir destes contatos e do desejo de se se integrar os técnicos da empresa vinham fazer uma vistoria da propriedade e perguntavam aos agricultores assentados: “tu tem condição de fazer o aviário? Nós temos a integração, mas nós não colaboramos com nada”. (O.B nov.,2016).

Os agricultores começaram produzindo aves, para a empresa Frigorífico Chapecó. Segundo relato do agricultor ex-integrado O.B eles começaram em 1996. Entretanto, a empresa entrou em processo de falência em 1998, deixando-os sem canal para comercialização e sem contratos. O agricultor ex-integrado J.D relata ainda que com a falência a empresa ficou de pagar uma indenização para os agricultores que perderem seus contratos, mas nunca pagou. Este período foi bastante conflituoso, como assinala J.D, uma vez que devido aos prejuízos que tiveram os agricultores chegaram a fazer greve de fome, para serem ressarcidos.

Fizemos greve de fome e não pagaram nada... Três dias de greve de fome... A turma queria que alojasse de volta, mas não teve jeito, daí entrou outra que era a Diplomata, que alojou um tempo e queria que aumentasse o barracão, daí não tinha jeito... Daí paramos. (J.D nov.,2016).

Segundo agricultor O.B as empresas Globoaves, Chapecó e Sadia trabalhavam juntas até 1998. O agricultor relatou essa parceria da seguinte forma: “A Globoaves alojava, pagava nós e dava a ração, a Chapecó abatia e a Sadia dava o selo” (O.B, nov.,2016). O relato acima traz para o debate as observações de Belusso (2010) que discutimos no capítulo anterior, uma vez que autora discute a existência de um *cluster* industrial entre as empresas integradoras nesta região, claramente relatada pelos agricultores do assentamento.

Segundo o entrevistado J.D, (2016) parte dos recursos para construção do aviário saíram do Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (Procera)²¹, destinado a contribuir no aumento da produção nos assentamentos. “O barracão foi feito com o dinheiro do PROCERA e as coisas de dentro a empresa forneceu para ir pagando com o tempo” (J.D. nov2016).

²¹ Este programa “foi criado pelo Conselho Monetário Nacional em 1985 com o objetivo de aumentar a produção e a produtividade agrícolas dos assentados da reforma agrária, com sua plena inserção no mercado, e, assim, permitir a sua “emancipação”, ou seja, independência da tutela do governo, com titulação definitiva”(RESENDE p.1, 1999)”.

Para o Sr. P.S (nov.2016) o único que continua na atividade, a integração é um vínculo uma parceria ou um contrato que o agricultor faz com a empresa, onde ele se compromete em cuidar bem dos frangos para que estes deem lucro para a empresa e para ele próprio. Ao explicar como funciona a produção integrada, o agricultor demonstra a responsabilidade envolvida no sistema e também destaca quem é o elo mais fraco da “parceria”, que é o agricultor: “Se eu não cuida direito [da produção] vai dando prejuízo para a empresa e eles me desligam da empresa, se faltar da minha parte eles me desligam, se faltar da parte deles eu também tenho certo direito, mas quase sempre quem sai no prejuízo é o agricultor.” (P.S, nov.,2016)

Ainda para demonstrar a assimetria nas relações entre empresa e integrado, o agricultor P.S relata que resolveu mudar de empresa da Dip Frango para a Globoaves²² no ano de 2015. Segundo ele, considerava a empresa boa e respeitada e os preços eram melhores. Entretanto, para integrá-lo a empresa Globoaves exigiu que ele reformasse o barracão. P.S diz que a empresa disse o seguinte: “nós te integramos, só que você tem que fazer uma reforma”. O agricultor relata ainda que fez a reforma exigida, mas ficou no prejuízo e não conseguiu comercializar nem um lote de aves, pois a empresa faliu bem neste período: “fiz um lote e não recebi nem um lote e fiquei com a dívida, a sorte que deu certo para mim voltar de novo para a mesma empresa [Dip Frango] se não eu estaria complicado com a dívida” (P.S. nov.,2016).

3.2. OS MOTIVOS QUE LEVARAM OS AGRICULTORES À INTEGRAÇÃO

Os motivos que levaram os agricultores a se integrar são muito parecidos. Na visão dos entrevistados há uma necessidade de se viabilizar economicamente. Essa necessidade vai além dos assentados já que faz parte de uma dinâmica de mercado onde todos os proprietários de terra precisam fazer algo para gerarem renda. Assim, quando questionados sobre os motivos que os levaram os entrevistados a se integrar, o que aparece como fator predominante é a renda. Os agricultores são atraídos pela possibilidade de gerar capital através da atividade. Isto pode ser visto na fala do

²² Observou-se que no período de 1998 quando os primeiros integrados no assentamento ficaram sem poder alojar como vimos no começo do capítulo, era a empresa Diplomata que tinha domínio da produção na região. Isso mudou devido a Diplomata em processo de falência e sob administração judicial como explicado anteriormente, isso fez com que esta perdesse direitos de domínio.

agricultor O.B: “eu na época achava que era a melhor solução. (...) O que dava mais dinheiro era o frango. A família trabalhava e ganhava, eu achei por isso aí.” (O.B, nov., 2016). O segundo motivo que aparece como justificativa para o ingresso na produção integrada é a tradição familiar de produtores avícolas, que os levou também a se inserirem no mercado de aves, como pode ser percebido no relato da agricultora H.S: “A família já trabalhava, pais e irmãos em Beltrão, para a Sadia (...) acharam que era um bom investimento.” (H.S, nov. 2016).

Perguntamos a liderança do assentamento sobre sua opinião em relação aos motivos que os levaram a criação de aves. Para este a necessidade era de: “criar uma viabilidade da propriedade. Fazer gerar recurso, ganhar dinheiro. Eles achavam que iam fazer um grande dinheiro em cima, mas não é bem isso.” (NR nov., 2016). O agricultor J.D relata que se integrou para ver se obtinha algum lucro na atividade, mas, segundo ele “não deu em nada” (J.D nov., 2016).

Na opinião da Sr. N.R as empresas desenvolvem o sistema de integração para terem como produzir, sendo que em sua opinião, entrar no sistema traz vantagens para o agricultor que recebe as matrizes e a ração. Em suas palavras “é por isso que eles se integravam, por que o agricultor não tinha produção, então se integra, porque daí vem tudo de lá [da empresa] prontinho, só tratar.” (MCR nov2016).

Essa observação requer um contraponto, a partir de um olhar voltado para os motivos que conduzem empresa a operarem a partir do sistema de integração. Neste sentido, para Filgueiras (2013), ao se integrar o agricultor passa a ser um contratado da empresa precisando se adaptar às exigências da integradora. Assim, no ponto de vista do autor, a integração é um meio de exploração do trabalhador rural por parte da empresa, no intuito de diminuir custos e assim ter maior lucro com a produção como vimos no primeiro capítulo deste trabalho. Ou seja, as empresas contratam pequenos produtores rurais para que realizem etapas do processo de produção. O agricultor firma um contrato de exclusividade de fornecimento da produção e as empresas fornecem a matéria prima e determinam os padrões técnicos da atividade, como pudemos verificar em um dos relatos anteriores, onde o agricultor destaca a exigência da empresa em reformar o barracão. (FILGUEIRAS, 2013)

Na entrevista com o Sr. J.D. relata que ao integrar se integrar a empresa o agricultor entra com tudo, ou seja, precisavam entrar com a área, o barracão, energia

elétrica água e equipamentos. A empresa entra com as aves, mas, mesmo estas são pagas para a empresa. “Era comprado os pintinho (...), descontavam os pintinhos também! (...) Nós paga a ração o remédio, frete eles descontavam um pouco e tinha que pagar a equipe para carregar o frango, uma equipe escolhida por eles.” (J.D nov.2016).

A empresa integradora libera 25 a 30 cabeças de frango por lote para o consumo. O agricultor P.S. nos explica que a venda dos frangos para outro canal é terminantemente proibida, sendo este um fator que faz com que a empresa desligue o agricultor do sistema: “eu sou completamente proibido de vender, eu acredito que é uma das falhas mais graves que possa ter, para me desligarem da empresa. Vende e eles descobrir eu estou fora” (P.S, nov.,2016).

Interessante observar como os agricultores falam da empresa, que nos relatos que recolhemos aparece sempre como um ator que tem autoridade extrema, que os controla, e exerce pressão, causando certo temor, uma vez que se não cumprirem as regras são desligados. Outro exemplo é o preço da produção e como era definido e se estavam satisfeitos o agricultor J.D disse o seguinte: “O preço era baixo, mas não tinha nem como reclamar” (J.D, nov., 2016). Nas palavras do entrevistado não há uma forma de negociação de preços com a empresa, pois sua relação se da através dos técnicos, não havendo contato, mas sim uma distância que se revela no diálogo com a empresa e os técnicos, sendo relatado alguns casos em que o técnico ia até a propriedade e eles nem o viam.

É possível perceber como a empresa se converte no polo mais forte da relação quando os agricultores abordam a questão do preço pago pela produção. Assim, no seu depoimento, o agricultor O.B disse que não havia possibilidade de negociação de preços: “nem adiantava pedir preço, não adiantava fazer nada, não tinha como, você ia recorrer a quem? A gente ligava lá na empresa reclamar o preço ele dizia: cara isso não é comigo. Daí fazer o que se ele era meu chefe (...) ou dizia, mas cara teu frango deu ruim...”.

Portanto, essas tentativas de renegociação de preços acabavam sendo tentativas frustradas de dialogo, conforme afirma o agricultor, geralmente afirmavam que era impossível discutir essa questão e que suas mudanças dependiam de outras pessoas. Conforme veremos em seguida, analisando as exigências da empresa para com os produtores.

3.3. EXIGÊNCIAS DA EMPRESA PARA A INTEGRAÇÃO DOS AGRICULTORES

Para entrar na produção de aves, segundo os agricultores entrevistados, foi necessária à construção de um aviário medindo 50x12m, mais área em volta, a aquisição de equipamentos como: comedor manual, ventilador, motor com água, aquecedor. Além disso, para trabalhar no sistema foi necessário também ter uma pessoa disponível 24 horas por dia, capazes de atender as demandas colocadas pela atividade.

De modo geral, no sistema, a empresa entra com as aves e assistência técnica, mas, a partir dos relatos dos agricultores entrevistados, percebemos que há controvérsias, pois como citado anteriormente pelos mesmos, ao se integrarem a empresa cobrava pela ração, pelo remédio, pelas aves e pela a equipe necessária para carregar os caminhões que transportavam as aves prontas para o abate. Esse valor é descontado do valor total da produção por lote de aves. Além disso, o agricultor paga a energia, água e, quando é o caso, pela mão de obra e pelas reformas e equipamentos que são constantemente exigidos pelos técnicos da empresa para o desempenho das atividades na produção integrada. De acordo com o agricultor J.D “Tinha que ter um aviário tamanho padrão,” o que eles mandavam colocar tinha que colocar senão, não alojavam” (J.D nov., 2016)



Figura 7 - Aviário no assentamento
Foto da autora (nov. 2016).



Figura 8 - Aviário do Assentamento
Foto da autora (nov. 2016).

Sobre a assistência técnica os agricultores relataram que: “eles costumava exigir equipamentos, cada vez tinha que ir equipando mais, não sai das dívidas ficava só aumentando” (J.D nov.,2016). Quando questionado sobre o que dizia no contrato de integração o entrevistado disse: “no contrato tem só as obrigação da gente fazer, mas, deles não fala muita coisa, sobre eles parar de alugar ou ter que aumentar [o valor pago pela produção] isso não falava” (J.D nov.,2016).

Segundo o agricultor P.S. as regras para os agricultores que quiserem se integrar hoje mudaram o barracão, por exemplo, atualmente, deve medir 1200x12 m. Existe também a exigência de novos equipamentos, P.S relatou que teve que instalar um equipamento para programar a temperatura, a alimentação nos comedouros e a umidade do aviário que custou, aproximadamente, 15 mil reais, sendo esta uma demanda da empresa. Conforme o agricultor: “eles me obrigaram a fazer isso agora em dezembro, eu tive que parar durante seis meses com a produção para fazer essa reforma, cercar de tela ao redor e reformei-o [o barracão], troquei lona, os equipamentos” (P.S nov.2016).

De acordo com os entrevistados, a forma mais usada de fiscalização por parte das empresas é através do técnico que visita as instalações na propriedade a cada oito ou dez dias para verificar as aves, sobretudo, se estão precisando de remédio. Segundo o integrado P.S: “sempre que ele [o técnico] vem, deixa no mínimo uma vitamina para os frangos”. Outro órgão que fiscaliza a produção é a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (ADAPAR), que fiscaliza quando há doenças com mortalidade acima de 5%.

Ainda em relação às modificações nas estruturas dos aviários, os entrevistados relataram situações e exigências que ultrapassam os limites de bom senso colocados pelas empresas, chegando ao abuso de poder. O agricultor O. B., por exemplo, relatou que em certa ocasião o proprietário e também presidente do Grupo Diplomata, chamado Alfredo Kaefer, exigiu que os agricultores pintassem os aviários com as cores do partido ao qual ele fazia parte e que a pintura custaria dois lotes de frango. “Olha uma coisa que este Alfredo fez com nós (...), ele mandou pintar o aviário com a cor do partido do PSDB e tivemos que pintar e outra, tinha que ser um pintor, não podia ser eu, tinha que ser credenciado” (O.B, nov.,2016).

Em todos os casos analisados os ex-integrados foram cortados do sistema por não aceitarem aumentar os aviários. Aqui voltamos novamente às reflexões de Filgueiras (2013) sobre a relação de despedida “A despedida ocorre a qualquer tempo e sem custo” (FILGUEIRAS 2013, p 231).

3.4. CONDIÇÕES DE TRABALHO E PROBLEMAS ENFRENTADOS NA PRODUÇÃO AVÍCOLA

Sobre as condições de trabalho os agricultores entrevistados relataram a dificuldade nos cuidados com as aves, principalmente, nos primeiros dias, quando estas são muito sensíveis a frio e calor. No inverno é quando os animais são pequenos e necessitam de cuidados à noite. O trabalho na atividade é árduo: “o verão não é problema, o problema é o inverno, tem que levantar de duas em duas horas” tinha que manter a temperatura do aviário em 30°C (O.B, nov., 2016).

Os entrevistados relatam a necessidade de cuidado com as aves em relação a outros animais por perto. Segundo o agricultor J.D, às vezes as aves se assustavam com movimento de grandes animais e canto de pássaros por perto: “às vezes passava vaca correndo em volta do aviário e as aves se amontoavam tudo e morriam de ataque, não podia ter vaca por perto (...) e passarinho, às vezes elas se assustavam com canto de passarinho e morriam”.

Os entrevistados relaram também problemas com chuvas fortes, principalmente no verão, que em alguns casos destelhavam o barracão e causavam grandes enxurradas no aviário.

Quando ia chover no verão que vinha aquele temporal, que estava quase chovendo, mas não podia fechar o aviário se não morrem tudo (as aves) de calor, às vezes vinha chuva com vento estourava a lona do aviário, pensa no sofrimento. E enxurrada que entra no aviário? Quando dava muita chuva tinha que sair de baixo de raio e fazer valeta, por que estava entrando no aviário e uma vez deu vento arranco o telhado do aviário (...) (J.D, nov., 2016).

As estradas também são problema frequente. Relatou um dos entrevistados que em uma ocasião tombou um caminhão de frango já carregado que saia da propriedade indo para o frigorífico, em um dia chuvoso e, com isso perderam boa parte da produção. Outro problema relatado refere-se aos animais mortos uma vez que é responsabilidade do agricultor eliminar os corpos. Segundo um do agricultor, eles tinham que eliminar rápido e às vezes não tinha onde descartarem, então davam aos porcos as aves mortas. A este respeito o agricultor O.B também relatou que para ele o maior problema na atividade era o cuidado com as aves mortas: “o único problema que você tem que cuida é para não jogar ave morta em volta do galinheiro, só. Por que a raposa, o lagarto, o cachorro vem e dá um problemão por que entra lá dentro (do aviário)”.

No geral o que se pode observar são diferentes problemas na atividade integrada vivenciados em cada propriedade. Contudo, devemos considerar o tempo em que os agricultores dedicam à atividade. Nas entrevistas aos poucos os agricultores iam se lembrando de como ocorriam às tarefas no dia a dia e os problemas enfrentados. Neste caso podemos considerar a possibilidade de problemas enfrentados pelos agricultores que não foram relatados.

3.5. AVALIAÇÃO DA INTEGRAÇÃO SEGUNDO OS AGRICULTORES

Avaliando o programa de integração percebe-se que os agricultores entrevistados mostraram-se decepcionados, principalmente, na forma de relação que existe entre a empresa e o agricultor. Segundo eles, há uma pressão muito grande vinda de cima para baixo, ou seja, da empresa para o agricultor, onde o agricultor tem poucas possibilidades de questionamento em relação a regras impostas pela empresa. Dentre as exigências consideradas mais difíceis colocadas pela empresa aos agricultores, aparece nos relatos, principalmente, a necessidade de troca e ampliação dos barracões, como condição para que estes continuem no sistema:

Por isso que se acabaram tudo, por isso que não consegue porque cada ano a empresa vem com novas coisas que tem ser colocado nestes aviários, era ventilador, era não sei o que... Daí eles não conseguem acompanhar, o pequeno não acompanha. Os coitados daqui ninguém aguentou (...). As firmas tentam integrar, porque daí ou o agricultor sai logo ou depois que esta bem endividado não sai mais (...) A dívida é tão grande que você acaba trabalhando para eles para ver se paga. (N R, nov. 2016)

Interessante observar como as empresas avícolas ganham dinheiro com a exigência de renovação constante de máquinas e equipamentos, levando-nos novamente aos estudos de Paulilo (1988), onde a autora discute a relação e articulação vertical entre empresas agroindustriais e pequenos produtores, com aplicação maciça de tecnologia e capital. Esta perspectiva se aproxima das discussões de Belato, pois o autor fala da aliança entre forças financeiras, técnicas e científicas no sistema de integração (BELATO 1985).

Segundo o agricultor N.R, a produção de frango é complicada. Para explicar essa opinião o entrevistado citou o caso de um grande produtor do município vizinho à Lindoeste. Segundo ele, este agricultor mesmo sendo grande produtor, portanto, dotado de mais recursos, desistiu das atividades por conta das constantes exigências das integradoras, sobretudo, pela exigências de mudança nas estruturas e pelas solicitações de investimentos constantes no aviário.

(...) Essa é uma questão bem complicada, essa questão dos criador de frango das integração. Tem esse Cabral ali em Capitão, faz uns três anos que eu conheço esse cara, hoje ele esta com dois aviários muito bem grandes e tudo automatizado e parou de alojar frango. E parou por que diz ele que ele era um escravo, e cada vez tinha que mudar, mudar, mudar , cada vez mais. Agora por último, queriam que ele tirasse uma estrutura, umas lonas que tinham lá dentro e botasse para o lado de fora, e ele disse não, vamos parar, vocês estão achando que eu sou palhaço?, Eu não vou mais alojar. Daí, ele trocou de empresa e a empresa exigiu dele que tinha que fazer mudança e ele [disse] “não! Eu não vou mudar, se achar que não esta boa então vai parar. E parou (...). Diz ele que [na integração] não sobra nada, vira tudo em despesa.” (N.R, nov.,2016).

Observamos também o relato do agricultor J.D. que se manifestou insatisfeito com a produção avícola, devido, principalmente, a relação com a empresa. Conforme este agricultor:

Se fosse hoje eu não queria nem saber, muito complicado que a gente não manda, (...), a gente faz o galpão daí eles [os técnicos] querem mandar em tudo (...). Ele vinha e falava “ó tem que troca essa lona aí se não nós não vamos alojar mais. (...) Na época era ruim (...) eu não tinha direito nem de reclamar, só eles que vinha de goela a baixo, “faz isso, faz aquilo, se não fazer não vai alojar mais”. Só ameaça (...). A vantagem que eles fornecem tudo, só que no final não sobra quase nada. (J.D nov. 2016).

Em relação à qualidade de vida dos agricultores que trabalham no sistema de integração, houve controvérsias nas avaliações no caso dos familiares do entrevistado J.D. Para este agricultor “era melhor [estar integrado] pelo menos não estava endividado” (J.D nov., 2016). Já os familiares presentes na entrevista manifestaram opinião contrária.

Para a agricultora H.S. ex-integrada, a produção avícola era positiva para a propriedade, porque do aviário era tirado adubo para a pastagem da propriedade. Mas, ao mesmo tempo ela explica que, no entanto, o retorno financeiro da produção integrada era muito baixo: “tinha uns franguinho para comer e adubo para o pasto” (H.S, nov., 2016).

Perguntamos ao único agricultor integrado sobre sua situação financeira atual em relação a quando começou a produzir aves. P.S disse que está igual ou pior e que o valor da produção vem caindo gradativamente, além disso, explicou que quando entrou tinha esperança de melhorar sua situação financeira.

Para os ex-integrados perguntamos sobre sua situação financeira de quando estavam na atividade e a atual, e as respostas foram no mesmo sentido. Disseram que estavam melhor quando estavam na atividade, como vimos em algumas citações anteriores. O agricultor O.B, por exemplo, demonstrou certa insatisfação sobre a situação econômica atual pessoal em relação a quando produzira aves no sistema de integração, pois segundo ele agora esta com grandes dificuldades financeiras: “na época que eu alojava eu estava bem, não precisava trabalhar fora (...), hoje eu estou bem quebrado” (O.B, nov., 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do TCC concluímos que a integração produtiva é uma forma de produção pela qual, empresas processadoras de aves podem obter maiores lucros na atividade, ao integrar-se com produtores agrícolas. A modernização agrícola tem, neste sentido, contribuído para este sistema, ao melhorar os equipamentos para processamento, a genética e a alimentação fornecida aos animais. Assim como os setores financeiros, sejam públicos ou privados, através da criação de programas de créditos de bancos e empresas financiadoras, que possibilitam investimentos na produção por parte de agricultores. Constatamos isso em nosso caso estudado, pois os produtores integrados entrevistados receberam financiamento do PROCERA, para que pudessem levantar a estrutura para a produção dos frangos. Isto contribui de certa forma, para a transformação do setor agropecuário, sendo os impactos também sentidos em um assentamento, como o que estudamos

As empresas avícolas têm se consolidado no Oeste do Paraná, como vimos no capítulo segundo, por haver na região possibilidades de produção de grãos para a produção de ração, elemento essencial na produção de aves. Mas, há ainda empresas integradoras na região passando por infortúnios financeiros, o qual não foi possível entrar em detalhes, mas, cujos impactos são sentidos, sobretudo pelos produtores integrados, como vimos no capítulo terceiro. Neste sentido fez-se importante conhecer o lado dos produtores avícolas integrados, uma vez que estes entram no sistema com uma grande quantia de investimentos, mas que ficam ao mesmo tempo a mercê da economia e das decisões da indústria integradora, de modo que, de uma hora para outra podem ser prejudicados com mudanças de planos das empresas, ou crises, ficando assim sem nenhuma proteção, como visto no terceiro capítulo, quando abordamos os impactos da falência das empresas sobre os produtores que entrevistamos.

Ao conhecer a realidade dos assentados produtores avícolas integrados, podemos concluir que não há garantias de estabilidade aos produtores, tampouco direitos, discussão que abordamos no primeiro capítulo a partir das observações de Paulilo (1998) e que são confirmadas nos depoimentos dos agricultores pesquisados.

Observamos através das entrevistas a fragilidades da relação entre agricultor e as empresas integradoras. A insegurança vivida por parte dos agricultores é movida por intensas cobranças e ameaças de serem cortados do programa. Ficando a cargo do agricultor a responsabilidade de manter-se na atividade, mantendo-se atualizados nos padrões exigidos pela empresa.

Os problemas enfrentados na produção são graves como podemos observar em um dos depoimentos dos agricultores sobre o descarte das aves mortas apresentado no capítulo 3. As integradoras no caso estudado, não fornecem soluções para a eliminação das aves que morrem durante produção, ficando toda a responsabilidade de descarte, a cargo do agricultor integrado, que deve se responsabilizar por eliminar os resíduos e arcar com os custos ambientais dos mesmos, apesar, das mortes de aves serem previstas no programa, tendo uma média estabelecida e reconhecida pela empresa por lote.

Avaliando o programa de integração e como os agricultores demonstraram-se decepcionados com a assimetria na relação com as integradoras, sobretudo, por causa dos investimentos que são obrigados a fazer na estrutura para a criação dos frangos, uma das questões que colocamos se relaciona a quanto ao custo para entrada no programa de produção integrada. Se há um investimento considerável para ingresso na produção como não haver um seguro de perdas e desligamento, como pode não haver garantias aos agricultores que decidem se integrar? Uma situação observada e que pode estar ligada ao tema, é o fato dos agricultores entrevistados terem apenas o ensino fundamental incompleto, o que faz com que se sintam inseguros no entendimento de tais assuntos, seus direitos e dos contratos. Neste caso, em nossa pesquisa, também interessou-nos saber, a partir de questionamento aos agricultores, o que constavam nos contratos de integração. Entretanto, na maior parte dos casos, os entrevistados não sabiam dizer. Esta situação nos leva a inferir que os agricultores não conseguem entender e por isso, exigir o reconhecimento de seus direitos.

Por fim, ressaltamos que a busca em compreender o programa de integração e a relação entre agricultor e indústria em um caso especial, como o da aplicação do sistema em um assentamento de reforma agrária foi de grande aprendizado. Principalmente, para exercitar os conhecimentos adquiridos durante a realização do curso de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar, e em especial, por ser um tema ligado ao estudo do desenvolvimento rural. Além disso, a realização deste trabalho, que necessitou da leitura de reflexões de estudiosos sobre temas como modernização da

agricultura, complexos agroindustriais, integração produtiva, contribuiu para uma visão mais ampla e menos ilusória da ação de grandes setores, a indústria avícola no campo, e nos permitiu problematizá-los. A realização das entrevistas foi importante para confirmar e reforçar o aprendizado sobre o tema e nos alertar para problemas existentes na atividade, a partir da visão dos próprios agricultores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Vinícios Raccnello. **Geografia do Paraná**, AMP Pré-vestibular. <https://geovest.files.wordpress.com/2012/09/parana.pdf> Acessado em 28 de Novembro de 2016)

BALSAN, Rosana. **Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira**. Campo e território: revista de geografia agraria, v.1,n.2,p123-151, agosto de 2006.

BELUSSO, Diane. **A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no oeste do Paraná**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Tecnologia Campus de Presidente Prudente. Presidente Prudente 2010.

COSTA, Armando Joao Dalla. **O grupo Sadia e a produção integrada: o lugar do agricultor no complexo agroindustrial**. Universidade federal do Paraná. Departamento de história. Dissertação. Curitiba, Janeiro de 1993.

DINARTE Belato, **Os Camponeses integrados**. Campinas 1985.

FERREIRA: Lourdes Maria. **Aspectos sócio econômicos da atualidade. Encarte 4 - contexto regional**, Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguazu, 1999. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/encarte4.pdf>. Acessado em 29 de novembro de 2016.

FILGUEIRAS, Vitor Araújo. **Novas/Velhas formas de organização e exploração do trabalho: produção “integrada” na agroindústria**. Instituto de economia da universidade estadual de Capinas, Brasil. Novembro de 2013.

Filho, Jose Flores Fernandes. **Queiroz Antonio Marcos. O Sistema de Integração de Avicultura de Corte em Goiás**. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/pub/conj/conj4/08.htm>. Acessado em 1 de dezembro de 2016.

IAPAR. **Frango de Corte: Integração Produtor/ Indústria**. Disponível em: http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/redreferencia/pp_modnortefrango.pdf Acessado dia 05 de Outubro de 2016.

INFOPÉDIA. Dicionário porto editora. Acessado em 19/09/2016. <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/integra%C3%A7ao>

IBGE. **Censo Agropecuário 2015.** Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/forum_questionario_censoagro2015/Censo_Agropecuario_2015.pdf p.2)

____ **IBGE divulga produção pecuária municipal. O rebanho brasileiro de maior número de animais em 2002 é o de galináceos.** Disponível em: (<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27112003ppmhtml.shtm>)

IBGE **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Cidades.** <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=411345&search=parana|lindoeste|infograficos:-historico>. Acessado em 30 de dezembro de 2016.

IPARDES **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.** Consultado na internet. http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85826&btOk=ok acessado dia 15 de agosto de 2011 as 14.30 horas.

MARTINE, George. **A Trajetória da Modernização Agrícola: a quem beneficia?.** Revista de Planejamento e Políticas Públicas, n°3, IPEA, Brasília, agosto. 1990

MARAFON, Gláucio José. **Industrialização da agricultura e formação do complexo agroindustrial no Brasil.** 1998.

MATOS, Patrícia Francisca. PESSÔA, Vera Lucia Salazar. **Modernização da agricultura e os novos usos do território.** Geo UERJ - Ano 13, n°. 22, v. 2, 2° semestre de 2011 p. 290-322 - ISSN 1981-9021 <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouer>.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Produtor e Agroindústria Consensos e Dissenso, O Caso de Santa Catarina.** Editora da UFSC. Rio de Janeiro. Abril, 1988.

ROCHA, Margarida Alves. Et al, **Viabilidade econômica da atividade avícola no sistema de integração com agroindústrias: estudo de caso em pequena propriedade rural na região de Tangará Da Serra – MT.** “XXII Congresso Brasileiro de Custos – Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 11 a 13 de novembro de 2015

SANTOS, Johanna Steiner dos. **Escolha e vivência dos colonos no processo de modernização do campo.** Florianópolis, 2004.

SCHREINER, Feliz Davi; **Entre a Exclusão e Utopia: Um Estudo Sobre os Processos de Organização da Vida Cotidiana Nos Assentamentos Rurais. (regiões Sudoeste/Oeste do Paraná).** São Paulo 2002.


TOLOMEOTTI Marilene Alves da Costa, LOUZADA Ineiva Terezinha Kreutz **A questão agrária e o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra: um estudo acerca do Assentamento Vitória em Lindoeste, Paraná.** Anais do 5º Seminário Nacional estado e políticas sociais.9 a 12 de outubro de 2011. UNIOESTE Cascavel.

LÁZIA, Beatriz. **Produção de frangos de corte - sistema de integração, sistema cooperativo e sistema independente.** Disponível em: <http://www.cpt.com.br/noticias/producao-de-frangos-de-corte-sistema-de-integracao-sistema-cooperativo-e-sistema-independente> Acessado em 20 de Setembro de 2016

ZIEBERT, Roger André; SHIKIDA, Pery Francisco Assis. **Avicultura e produção integrada em Santa Helena, estado do Paraná: uma abordagem a partir da nova economia institucional.** Agric. São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 71-86, jan./jun. 2004

ANEXOS:

Roteiro 1

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA</p> <p>Pesquisa de Campo para Trabalho de Conclusão de Curso, de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar. Entrevista no Assentamento Vitória, Lindoeste, Paraná.</p> <p>Integração de aves. 2016</p>
---	---

Discente: Viviane de Oliveira

Direcionado: LIDERANÇA DO ASSENTAMENTO.

 Identificação

Nome: _____

Data de nascimento _____

Local de nascimento _____

Escolaridade: _____

 SOBRE A VIDA NO ASSENTAMENTO


1. Quantas pessoas têm na família? E quantas residem com você no assentamento? (Verificar a idade e sexo).
2. Há quanto tempo mora no assentamento?
3. Qual é o tamanho da sua propriedade?
3. Quem da sua família, residente no assentamento que trabalha?
4. Você produz no assentamento? O que?
5. Você trabalha somente no assentamento? (Se não, quais as outras atividades que desempenha?) E os demais familiares?

 SOBRE O SISTEMA DE INTEGRAÇÃO NA AVICULTURA

6. Você sabe o que é sistema de integração na avicultura? Se sim, poderia me explicar como funciona?
7. Você sabe quando foi introduzido o sistema de integração na avicultura no assentamento?
8. Você sabe dizer quais empresas fizeram contatos para introduzir o sistema de integração assentamento?
9. O Senhor (a) fez parte da discussão da inserção de empresas integradoras de aves no assentamento?
10. Como ocorreram as discussões para a inserção das empresas integradoras da produção de aves no assentamento?

11. Como foi a abordagem das empresas para se inserirem o assentamento?
12. As empresas fizeram contatos com a associação ou direção do assentamento?
13. Quantos agricultores do assentamento decidiram se integrar? E em sua opinião por que optaram por se integrar?
14. Em sua opinião, porque os agricultores decidem se integrar?
15. Quais empresas tiveram agricultores integrados no assentamento.
16. Qual era a proposta destas empresas para os produtores?
17. O Senhor (a) se integrou a alguma destas empresas?
Se sim, por quê?
Se não, por quê?
- 18 O senhor tem conhecimento de agricultores que ainda se mantêm integrados? Se sim, porque acha que continuam no sistema?
19. O senhor tem conhecimento sobre agricultores que desistiram de participar desse sistema de integração?
20. Se sim, em sua opinião quais foram os motivos que levaram alguns produtores a desistirem da produção integrada?
21. O senhor tem conhecimento de conflitos entre empresa integradora e integrados?
22. Qual a sua opinião sobre o sistema de integração? (vantagens, desvantagens...).

Roteiro 2.

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA</p> <p>Pesquisa de Campo para Trabalho de Conclusão de Curso, de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar. Entrevista no Assentamento Vitória, Lindoeste, Paraná.</p> <p>Integração de aves. 2016</p>
---	---

Discente: Viviane de Oliveira

Direcionado: **PRODUTORES INTEGRADOS NA PRODUÇÃO DE AVES.**

Identificação

Nome: _____

Data de nascimento _____

Local de nascimento _____

Escolaridade: _____

SOBRE A VIDA NO ASSENTAMENTO

1. Quantas pessoas têm na família? E quantas residem com você no assentamento? (Verificar a idade e sexo).
 2. Há quanto tempo mora no assentamento?
 3. Qual é o tamanho da sua propriedade?
 3. Quem da sua família, residente no assentamento que trabalha?
 4. Você produz no assentamento? O que?
 5. Você trabalha somente no assentamento? (Se não, quais as outras atividades que desempenha?) E os demais familiares?
-

SOBRE A INTEGRAÇÃO

6. Você se lembra de quando as empresas integradoras chegaram ao assentamento?
7. Como você descobriu a existência do programa de integração?
8. Quando ingressou na produção integrada de aves? Porque ingressou?
9. Qual o tamanho da área que você destina a atividade
10. Quais as exigências da empresa para que você se tornasse um integrado?
11. Como funciona o sistema de integração?
12. A empresa fiscaliza a produção das aves? Se sim, Como ocorre essa fiscalização? Algum outro órgão também realiza algum tipo de fiscalização na produção? Como essa fiscalização ocorre?
13. O senhor pega algum adiantamento na empresa durante a produção dos frangos? Por quê?

14. Em qual empresa você é integrado?
15. Você produziu para mais de uma empresa? Se sim, quais? Por quanto tempo?
16. Você precisou alterar suas atividades na propriedade quando decidiu se integrar? Quais? Abandonou o plantio de outras culturas ou a criação de outros animais? (Alimentos).
17. Qual era a proposta da empresa para os produtores?
 - a) Houve restrição de produção na sua propriedade () Se sim quais?
 - b) Houve proibição de consumo e venda do produto () Se sim quais?
 - c) houve alguma multa ou reclamação por parte da empresa em relação a baixo peso ou excesso de peso das aves?
18. Qual foi a contrapartida dos produtores?
19. A Empresa cumpriu com a proposta inicial?
20. A produção usa mão de obra apenas familiar ou conta com força de trabalho externa?
21. Qual a sua situação financeira hoje em relação a quando começou a produzir?
22. Quais investimentos você precisou fazer para ingressar no sistema de integração? Quanto investiu? Acha que obteve retorno?

PROCESSO PRODUTIVO

23. O senhor poderia descrever o como funciona a produção de frangos para a empresa? Como funciona o trabalho na atividade (desde o início, os tratos necessários até a entrega dos frangos)?
24. Quais os problemas que frequentemente ocorrem durante a produção?
25. Quais os custos aproximados de cada etapa?
26. Quais as características esperadas dos frangos, por parte da empresa (peso, tamanho, carne, gordura)
27. Em geral, quanto tempo o (a) senhor (a) espera até o frango ficar no tamanho esperado?
28. Como é estabelecido o preço a ser pago pela produção, por parte da empresa?
29. Há possibilidade de negociar o preço pago pela produção pela empresa e ademais cláusulas contratuais?

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

30. O senhor recebe algum tipo de assistência técnica? Se sim, quais?
31. O senhor recebe assistência técnica da empresa? Como funciona? Como avalia esse serviço?
32. O senhor tem acesso a alguma linha de crédito, como o PRONAF? Se sim, de quanto?
33. O senhor utiliza alguma linha de crédito para investimento no aviário?

AVALIAÇÃO SOBRE PROGRAMA


34. Como o senhor avalia o programa de integração na avicultura do qual participa (em relação, por exemplo, ao preço pago pela matéria-prima produzida, assistência técnica fornecida, a autonomia nas decisões tomadas sobre a propriedade).

35. Em sua opinião quais os prós e os contras da integração.

36. Como o senhor avalia sua qualidade de vida hoje? Melhorou ou piorou com a entranhada no sistema de integração?

37. Por quais motivos continua na produção integrada de aves?

Roteiro 3.

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA</p> <p>Pesquisa de Campo para Trabalho de Conclusão de Curso, de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar. Entrevista no Assentamento Vitória, Lindoeste, Paraná.</p> <p>Integração de aves. 2016</p>
---	---

Discente: Viviane de Oliveira

Direcionado: **EX-PRODUTORES INTEGRADOS DE AVES.**

Identificação

Nome: _____

Data de nascimento _____

Local de nascimento _____

Escolaridade: _____

SOBRE A VIDA NO ASSENTAMENTO

1. Quantas pessoas têm na família? E quantas residem com você no assentamento? (Verificar a idade e sexo).
2. Há quanto tempo mora no assentamento?
3. Qual é o tamanho da sua propriedade?
3. Quem da sua família, residente no assentamento que trabalha?
4. Você produz no assentamento? O que?
5. Você trabalha somente no assentamento? (Se não, quais as outras atividades que desempenha?) E os demais familiares?

SOBRE A INTEGRAÇÃO

6. Você se lembra de quando as empresas integradoras chegaram no assentamento?
7. Como você descobriu a existência do programa de integração?
8. Quando ingressou na produção integrada de aves? Porque ingressou?
9. Qual o tamanho da área que você destina a atividade?
10. Quais as exigências da empresa para que você se tornasse um integrado?
11. Como funciona o sistema de integração?
12. A empresa fiscalizava a produção das aves? Se sim, Como ocorre essa fiscalização? Algum outro órgão também realizava algum tipo de fiscalização na produção? Como?
12. O senhor pega algum adiantamento na empresa durante a produção dos frangos? Por quê?
13. Em qual empresa se integrou?

14. Você produziu para mais de uma empresa? Se sim, quais? Por quanto tempo?
15. Você precisou alterar suas atividades na propriedade quando decidiu se integrar? Quais? Abandonou o plantio de outras culturas ou a criação de outros animais? (Alimentos).
16. Qual era a proposta da empresa para os produtores?
- a) Houve restrição de produção na sua propriedade ()
 - b) Houve proibição de consumo e venda do produto ()
 - c) houve alguma multa ou reclamação por parte da empresa em relação a baixo peso ou excesso de peso das aves?
17. Qual foi a contrapartida dos produtores?
18. A Empresa cumpriu com a proposta inicial?
19. A produção usava mão de obra apenas familiar ou conta com força de trabalho externa?
20. Qual a sua situação financeira hoje em relação a quando começou a produzir e quando saiu?
21. Quais investimentos você precisou fazer para ingressar no sistema de integração? Quanto investiu? Acha que obteve retorno?

PROCESSO PRODUTIVO

22. O senhor poderia descrever o como funcionava a produção de frangos para a empresa? Como funcionava o trabalho na atividade (desde o início, os tratos necessários até a entrega dos frangos)?
23. Quais os problemas que frequentemente ocorrem durante a produção?
24. Quais os custos aproximados de cada etapa?
25. Quais as características esperadas dos frangos, por parte da empresa (peso, tamanho, carne, gordura)
26. Em geral, quanto tempo o (a) senhor (a) esperava até o frango ficar no tamanho esperado?
27. Como é estabelecido o preço a ser pago pela produção, por parte da empresa?
28. Havia possibilidade de negociar o preço pago pela produção pela empresa e ademais cláusulas contratuais?

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

28. O senhor recebeu algum tipo de assistência técnica? Se sim, quais?
29. O senhor recebeu assistência técnica da empresa? Como funciona? Como avalia esse serviço?
30. O senhor teve acesso a alguma linha de crédito, como o PRONAF? Se sim, de quanto?
31. O senhor utilizou alguma linha de crédito para investimento no aviário?

AVALIAÇÃO SOBRE PROGRAMA

32. Como o senhor avalia o programa de integração na avicultura do qual participou (em relação, por exemplo, ao preço pago pela matéria-prima produzida, assistência técnica fornecida, a autonomia nas decisões tomadas sobre a propriedade).

33. Em sua opinião quais os prós e os contras da integração?

34. Como o senhor avalia sua qualidade de vida hoje? Melhorou ou piorou com a entrada no sistema de integração?

35. Por quais motivos saiu da produção integrada de aves?